
VOZEIRAÇÃO

ROMÃO: Movimento Negro em Comunicação¹

ROSANE AURORE ROMÃO JULIANO²
Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

O artigo trata da importância da trajetória de vida do Professor, Sociólogo, Ashoka Fellow, Jornalista, Militante do Movimento Negro e Ativista dos Direitos Humanos, Romão, meu irmão, que através das mídias sociais e digitais, combatia as tentativas de silenciamentos das lutas contra o racismo. Ao analisar, a partir da escrivência, sua produção coletiva, objetivo demonstrar sua visão do campo da comunicação como importante espaço de voz para o ativismo negro, concluindo como os movimentos sociais /raciais frente à comunicação hegemônica criam epistemes/repertórios comunicativos próprio no alcance da luta contra o racismo e discriminações, transnacionalmente.

PALAVRAS-CHAVE Silenciamento; Vozeiração; Movimento Negro; Romão.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte da tese, em construção, cujo objetivo é investigar a importância da trajetória de vida do Professor, Sociólogo, Ashoka Fellow, Jornalista, Militante do Movimento Negro e Ativista dos Direitos Humanos, João Marcos Aurore Romão, comunicador que através das mídias sociais e digitais, de grupos de e-mails, blogs, páginas de internet e programas de rádios, combatia as tentativas de silenciamentos das lutas contra o racismo. Este é o Romão, que em sua luta coletiva - perceba, coletiva - no movimento negro, criava espaços, produzia estratégias inovadoras em comunicação para que as vozes ditas silenciadas fossem ouvidas e respeitadas, o que denomino, Vozeiração, como no SOS Racismo do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN - RJ; na embaixada do Quilombo Brasil, em Hamburgo – Alemanha, e em veículos de comunicação digital como o blog Mamapress, Mamaterra Radio/TV, SOS Racismo Brasil e QuiGeral Rádio TV. Ao analisar a produção coletiva do Romão, busco demonstrar sua visão do campo da comunicação como importante espaço de voz para o ativismo negro; bem como registrar as epistemes desenvolvidas e seu alcance na luta contra o racismo e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense / PGCUM-UFF, drosaneromao@gmail.com

por direitos humanos contra todas as formas de silenciamentos, epistemicídios (CARNEIRO, 2019) da comunidade negra e marginalizados transnacionalmente.

Romão, primogênito de 4 filhos do casal, Madame Aurore, e, Seu Romão, nossos pais, nasceu aos 9 dias do mês de fevereiro do ano de 1953, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro; partiu para Orun, aos 3 dias do mês de setembro do ano de 2018, em sua cidade natal, após 22 anos de exílio na Alemanha. Este trabalho versará sobre a trajetória de vida desse irmão mais velho, nove anos, e sua produção/ inovação no campo comunicacional na luta contra o racismo e todas as formas de discriminações transnacionalmente.

PROBLEMA (ou solução?)

Começamos pelo racismo. Das tentativas de silenciamento ao racismo. Um fato marcante: quando um curso de línguas, no início da década de 1980, teve uma atitude racista ao demitir uma professora por ser negra, militantes negros organizaram uma manifestação. Romão transforma um megafone, instrumento utilizado para opressão dos trabalhadores, em uma tecnologia de comunicação, de luta contra o racismo. O curso não durou. Não há silêncio. Não do Movimento Negro. É o que nos diz Romão, meu irmão mais velho, já ancestral, sempre em militância, o que sempre fez em sua vida. Romão jovem, em Niterói, sua cidade natal, e a nova tecnologia de comunicação, o megafone, da Vozeiração, nos livrando a todos da tortura dos silenciamentos que nos impõe o sistema racista no mundo inteiro. Sim, o Romão cria. Transforma. Inova. E o instrumento de dominação, em suas mãos, melhor dizendo em sua voz, torna-se libertação. Torna-se Vozeiração. O que nos remete à Audre Lorde (2019), quando nos fala da importância de transformar o silêncio em linguagem e ação. É Romão em sua luta coletiva. As variadas formas de silenciamentos e as resistências, mantidas em silêncio como em segredo, provérbio africano, trazido por Grada Kilomba (2019), que muito me identifiquei, e identifiquei que faz parte de minha, nossa história familiar, Romão. Nossas histórias, ou, comunicações.

E assim este trabalho se move através das próprias narrativas negras e registrá-las, para não serem apagadas. Romão marca presença, na construção do Instituto de Pesquisas e Culturas Negras no Rio de Janeiro (IPCN), Instituto, que por si só, merece outra tese. Romão presente na luta pela instituição do dia da Consciência Negra, 20 de novembro, do Zumbi dos Palmares; na Serra da Barriga, com o pantera negra Stokely Carmichael (2016). Romão com Abdias Nascimento (1985), em sua homenagem a Luiz Gama.

Romão na marcha dos Cem Anos da Abolição. Na luta pela Constituinte. Na esquina com o jornalista, pois dizia que era na esquina que se construía a cidadania. Registros de Beatriz Nascimento, Marlene de Oliveira Cunha, Romão e outros poucos estudantes negros, que criaram, na UFF, o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) em 1975, cuja temática principal era estudar/falar sobre o racismo no espaço da universidade, buscando sua erradicação, em plena ditadura vigente. Precusores desse grupo, que resistem em existir. Romão sempre ressaltou a importância de as mulheres no Movimento Negro serem o “Norte”, o “Pilar”. Dizia sempre: “Elas falavam e tínhamos que ouvir, acatar, era o melhor a fazer, elas sabiam”. Sabedoria.

Problema ou Solução? Romão não para. O saber se colocar no parêntese, o momento suspenso, como diria Guerreiro Ramos (1965), o momento parentético. Romão, o homem parentético, percebe o momento, cria o evento, e, melhor, puxa as pessoas para a roda do saber fazer ciência afetiva. E pessoas assim, incomodam, Romão precisou sair do país, quando da abertura política no país, ironia, né? Pois é, fim da década de 1980, como Ashoka Fellow, em auto exílio, foi para Alemanha. E, Romão, do megafone, mimeógrafo, fichas telefônicas, SOS Racismo do IPCN, desses instrumentos de comunicação, faz a transição, iniciando seus momentos cibernéticos, através de e-mails, na sua residência transformada em Embaixada do Quilombo Brasil, até a criação de veículos de comunicação digital como o blog Mamapress, Mamaterra Radio/TV, SOS Racismo Brasil e QuiGeral Rádio TV; entre outros. A Vozeiração, o megafone, presente.

OBJETIVO

Ao analisar sua produção coletiva, tem-se o objetivo de demonstrar sua visão do campo da comunicação como importante espaço de voz para o ativismo negro e registrar as epistemes desenvolvidas e seu alcance na luta contra o racismo e por direitos humanos, contra todas as formas de silenciamentos, epistemicídios da comunidade negra e marginalizados transnacionalmente. Uma trajetória como esta amplia a noção de comunicação no próprio campo da Comunicação e possibilita mudanças da historiografia nesse campo comunicacional, ao elencar a relação entre comunicação e os movimentos sociais / raciais e demonstra como os movimentos sociais / raciais frente à comunicação hegemônica criam repertórios comunicativos próprios.

METODOLOGIA

Registro que este trabalho será demarcado pela escrita assinada, autoral e na 1ª pessoa, bem como muitas transcrições que farei, deixarei na forma original como foram escritas, por acreditar que nas possíveis imperfeições, as emoções se fazem presentes. “Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência”, nos diz Conceição Evaristo (2018, p.13/14), ao trazer sua metodologia narrativa, escrevivências, é o que buscarei realizar. Constará de pesquisa bibliográfica, possíveis entrevistas e depoimentos, de memórias afetivas e da oralidade (ROLNIK, 2016). O campo de pesquisa abrangerá os canais comunicacionais das mídias e páginas virtuais, criadas por Romão,

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Opto na construção deste trabalho a partir de um recorte que passa pelas trajetórias e caminhadas de lutas do ativista Marcos Romão, de suas performances como nos diz Diana Taylor (2013) e que se interseccionam, como nos coloca Kimberley Crenshaw (1990/2017), em nossos corpos rotulados como questiona Abigail C. Leal (2021). Das lutas de intelectuais, ativistas negras /es /os no Brasil e no mundo, em sintonia com o que nos coloca Regina Marques: “Os corpos são passíveis de serem considerados conforme designações de poder. E as epistemologias são também redutos dos modos como a história dos corpos é construída.” (OLIVEIRA, 2020, p.49). Como Carrera (2020), que discute a questão racial pelo viés da hegemonia da branquitude na comunicação. Como Grada Kilomba (2019) e o silenciamento; Sueli Carneiro (2005) que aborda o epistemicídio, e Franz Fanon (2015), ao questionar que para ser tratado como gente, é preciso ser branco. Neusa Santos (1990), sobre a negação de nossa identidade, da ambivalência em aceitar tornar-se negro. Conceição Evaristo (2017), das escrevivências, Abdias Nascimento (2011), narrar as construções e lutas do povo negro em diáspora. Virgínia Bicudo, desvelada por Janaína Damasceno (2013), que nos diz sobre as dimensões subjetivas do preconceito. Guerreiro Ramos e seus pares, que mantinham o jornal “O Quilombo”. Estou falando em estratégias, em vida, como Nilma Lino Gomes (2017), em o Movimento Negro Educador, ressalta a importância da atuação do movimento negro para o reconhecimento do valor epistemológico e político de nossas produções. Entre outros.

CONCLUSÃO

Considero este projeto importante porque ajuda a reescrever a historiografia da comunicação do país do ponto de vista dos movimentos sociais/raciais, em especial do

movimento negro. E amplia o próprio sentido do que seja comunicação, Vozeiração, no mundo dominado por uma comunicação hegemônica. Como Romão nos diz, em sua luta, sonhos e estratégias:

Eu sei que tem muita raiva e indignação no ar. Mas não me deixo levar pelo turbilhão de maldades, malfeitos e cóleras. Colo nos meus amigos e respiro fundo. Somos, afinal, pessoas que sonham o que realizam. Tenho um prazer enorme em ter e conversar com amigos em tempos de crise. São com estes amigos e amigas que nestes últimos 50 anos vivi sonhos hoje realizados. Sonhos realizados, que muita gente, que já chegou com o prato na mesa, nem imagina o que é transformar pesadelos em sonhos. Estar e viver solidário é uma das chaves para enxugar o suor no travesseiro da vida. (#marcosromaoreflexoes em 26 fev. 2016).

Romão e todos com senso humanitário, na luta contra o racismo, pela cidadania, pelas instituições fortalecidas, por um país/ mundo, justo e possível para todos. Através desses registros, ressalta-se que toda a construção da trajetória de vida do Romão tem sua importância maior por ser uma construção coletiva, isto é, uma rede de solidariedade entre todos e para que todos tenham seus direitos respeitados. Uma luta contra qualquer tipo de discriminação. Assim, urge nomear a construção dessa luta política, a sua realização, para nosso país e o mundo todo. Acredito que o registro desse legado, dessa construção de luta, de muitos avanços e muito ainda por avançar, em muito venha a ajudar na episteme da construção de novos legados acadêmicos, na comunicação, em síntese, na vida. E, sentindo que já está acontecendo, parafraseando o que hoje nossa garotada consciente nos diz: "Para que nós pudéssemos andar, Romão e a turma que com ele veio, tiveram que correr". E essa garotada anda ou melhor dizendo, surfa nas redes por esses passos construídos. Em nossa filosofia não eurocentrada, acreditamos que somos seres espirituais vivendo uma experiência humana (NOBLES, 2013), e assim, costumo dizer que, quando partimos, a possibilidade para quem é amor, é vida, Vive. E o Romão, nessas trocas de mensagens, afetos, Vive. Cada vez é mais forte esse sentimento. A sintonia nesse caminhar, é grande. Muitos não compreenderão.

REFERÊNCIAS

CARMICHAEL, S. **O Poder Negro**. In: PEREIRA, A. M. (org.). **O Poder Negro**. Nandyala Editora, 2016, p. 37.

CARNEIRO, A. S. **Dispositivo De Racialidade - A Construção Do Outro Como Não Ser Como Fundamento Do Ser**. Ed. Zahar, 2023.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas.** — Parte 1/4. Portal Geledes. Disponível em <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/> Acesso em 26.Mar.2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória** [livro eletrônico] / Conceição Evaristo. -- 3. ed. -- Rio de Janeiro : Pallas, 2018. ePUB https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7590386/mod_resource/content/1/Evaristo%202017.pdf

Gomes, J. D. **Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955).** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032014-103244/publico/2013_JanainaDamacenoGomes.pdf. Acesso em: 14 maio 2016.

GOMES, L. N. **O Movimento Negro Educador. Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 - 9ª reimpressão, 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano.** Ed. Cobogó. BA. 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider.** 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, A. **Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro.** Edição Fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: FUSP; ed. 34, 2011.

NOBLES, W. **Shattered Consciousness, Fractured Identity: Black Psychology and the Restoration of the African Psyche.** Journal of Black Psychology, n. 39(3) p. 232-242, 2013.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica:** introdução ao estudo da razão sociológica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1965.

ROMÃO, João M. A. Discursos. In: NASCIMENTO, E. L. **Dois negros libertários: Luiz Gama e Abdias do Nascimento.** Rio de Janeiro: Ipeafro, 1985.

SANTOS, N. S. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas.** Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.